

**Configurando Identidades:
os múltiplos processos de construção de
identidades homossexuais masculinas de
jovens universitários no Rio de Janeiro**

*Setting Identities: the multiple processes of
construction of male homosexual identities of young
university students in Rio de Janeiro*

Lucas Freire

*Doutorando do PPGAS/MN/UFRJ
lucas.mfreire@hotmail.com*

5

Resumo

Este artigo aborda os processos de construção de identidades homossexuais entre um grupo de nove jovens universitários da cidade do Rio de Janeiro. A partir de entrevistas realizadas entre os meses de Agosto e Outubro de 2012, discuto como a elaboração de uma identidade homossexual masculina é perpassada por uma série de negociações e ocorre por meio de quatro processos distintos: percepção, aceitação, prática e comunicação. Através da análise dos relatos dos sujeitos sobre suas trajetórias, busco evidenciar como estes quatro processos são essencialmente dinâmicos e não-lineares, acontecendo, por vezes, de modo simultâneo.

Palavras-chave: Identidade. Trajetória. Homossexualidade Masculina. Juventude.

Abstract

This paper discusses the processes of construction of homosexual identities among a group of nine young university students in the city of Rio de Janeiro. From interviews conducted between August and October 2012, I discuss how the development of male homosexual identity is permeated by a series of negotiation and occurs through four distinct processes: perception, acceptance, practice and communication. By analyzing the reports of the subjects about their life courses, I try to show how these four processes are essentially dynamic and non-linear, going sometimes simultaneously.

Keywords: Identity. Life Course. Male Homosexuality. Youth.

Este artigo tem como objetivo analisar como se dá a construção de identidades homossexuais masculinas entre jovens universitários da cidade do Rio de Janeiro. A partir das narrativas sobre trajetórias apresentadas pelos sujeitos, busco demonstrar como a elaboração de uma identidade homossexual é permeada por uma série de negociações e ocorre através de quatro processos distintos: percepção, aceitação, prática e comunicação. Em linhas gerais, tento evidenciar como estes processos são essencialmente dinâmicos e não-lineares, acontecendo, por vezes, de modo simultâneo. É este caráter dinâmico que faz com que os significados atribuídos à determinadas experiências que marcam as biografias dos sujeitos sejam constantemente negociados ao longo do tempo.

Estes quatro processos são construções analíticas elaboradas a partir da apropriação da noção de “percurso dissidente” de Maria Elvira Díaz-Benítez (2010), a qual diz respeito aos agenciamentos efetivados pelas pessoas no manejo relativamente autônomo de situações cotidianas, de modo a se contrapor às ideias de carreiras que são definidas em termos de etapas sequenciais, como elaboradas por autores como Goffman (1988) e Becker (2008).

Assim, ao afirmar que a construção da identidade homossexual masculina é algo *processual* e que seus processos de constituição são dinâmicos, tenho por intenção problematizar, em certa medida, os estágios de desenvolvimento de uma “identidade sexual estigmatizada” – sensibilização, significação, subculturação e estabilização – propostos por Jeffrey Weeks (2000), cujo desfecho seria uma espécie de fixação ou consolidação da identidade sexual.

Os dados aqui discutidos são oriundos de uma investigação¹ empreendida entre os meses de Agosto e Outubro de 2012 para a conclusão de minha graduação em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Esta pesquisa consistiu em um conjunto de nove entrevistas semiestruturadas com jovens do sexo masculino entre 18 e 24 anos de idade², estudantes de universidades públicas no Estado do Rio de Janeiro e autoidentificados como homossexuais. Os recortes definidos para a investigação se deram por conta da minha proximidade e semelhança com perfil pesquisado:

¹ Uma versão anterior das questões aqui discutidas pode ser encontrada em minha monografia de conclusão da graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cujo título é “‘Isto aqui é um lugar de respeito’: homofobia, emoções e regulação dos espaços públicos” (FREIRE, 2013).

² O projeto original de pesquisa tinha como foco a percepção de jovens sobre a existência da discriminação homofóbica e como esta percepção influencia na organização dos espaços públicos. Para isso, foi adotado o conceito de “juventude” proposto pela Organização Mundial de Saúde, cujo corte etário vai dos 15 aos 24 anos de idade. No entanto, a escolha por indivíduos com 18 anos ou mais é devida ao roteiro de entrevista incluir perguntas sobre espaços de sociabilidade voltados especificamente para o público LGBT, os quais, geralmente, são restritos a pessoas legalmente maiores de idade.

na época, um estudante de graduação de 20 anos, o que foi fundamental para o processo de produção dos dados e realização das entrevistas.

Ademais, saliento que este texto possui algumas lacunas que não foram preenchidas. Um das mais flagrantes destas lacunas pode ser descrita como a ausência de um olhar interseccional sobre os dados obtidos. Deste modo, apesar de reconhecer que diversos marcadores sociais – tais como raça, classe, lugar de moradia, origem familiar etc. – influenciam de maneira fundamental os modos pelos quais os sujeitos vivenciam o mundo ao seu redor, tomo como objeto um conjunto de experiências relativamente comuns entre todos os entrevistados para produzir reflexões acerca da construção de uma identidade homossexual.

Sobre as trajetórias: a descrição do universo pesquisado

Antes de trazer determinados trechos das entrevistas para reflexão, acredito que é preciso contextualizar o leitor através de uma breve descrição do universo pesquisado. Para isso, apresento nesta seção pequenos parágrafos contendo um resumo da trajetória de cada um dos entrevistados no que concerne aos episódios elencados em suas narrativas como marcos da construção da identidade homossexual.

Renan³ tinha 18 anos, branco, de classe média⁴. Na época da entrevista, cursava o 2º período do curso de Direito e residia na casa da família de um amigo em um bairro da zona sul do Rio de Janeiro⁵; tendo nascido e passado sua infância e adolescência em outra cidade do mesmo Estado. Seus pais se separaram há muito tempo, de modo que ele não sabe precisar quantos anos tinha. Suas primeiras experiências sexuais aconteceram aos 11/12 anos com um amigo. Contudo, ele conta que começou a perceber desejos sexuais por pessoas do mesmo sexo com 15/16 anos ou um pouco antes, apontando como significativa a atenção que dava aos homens quando assistia a filmes pornográficos ou outros materiais com potencial erótico. Em seus relatos, destaca-se o fato dele dizer que mesmo após ter tido experiências sexuais com pessoas do mesmo sexo, não conseguia aceitar tal desejo, pois recusava se

³ Como de praxe nas pesquisas antropológicas, todos os nomes citados tratam-se de pseudônimos utilizados para preservar a identidade dos sujeitos envolvidos.

⁴ Apesar de problemáticos, os critérios para definição de classe utilizados na época de realização da pesquisa foram: ocupação e escolaridade dos pais; renda própria e/ou familiar; e local de moradia na cidade do Rio de Janeiro.

⁵ Ainda que de modo significativamente heterogêneo, a zona sul é a região que agrega os bairros mais abastados da cidade do Rio de Janeiro.

encaixar em um estereótipo *gay*, o que identificava como única opção. No momento da entrevista, Renan disse não ter mais problemas com sua sexualidade, pois, segundo ele “não é preciso deixar de ser homem para ser homossexual”.

Vinicius era um estudante do 3º período de Letras de classe popular. Ele tinha 18 anos, era estagiário de uma empresa privada e se identificou como pardo/latino, pois é filho de imigrantes latinos. Ele morava em uma região do Centro do Rio com seus pais, uma moça com um filho pequeno, e outros dois rapazes que não eram seus parentes. Vinicius relata que aos 13/14 anos notou um interesse sexual por um amigo. Sua primeira experiência sexual com alguém do mesmo sexo ocorreu aos 14/15 anos, com um parceiro de 19/20 anos que ele havia conhecido através de um bate-papo na internet. O encontro foi no apartamento do parceiro. Em relação à visibilidade de sua orientação sexual, Vinicius diz que somente seu namorado, uma amiga da faculdade e alguns conhecidos da internet sabem sobre ele. Um ponto importante da entrevista de Vinicius é que ele considera o fato de não ser assumido como algo que o faz vivenciar uma dupla identidade, uma vez que ele se apresenta de diferentes maneiras a depender do ambiente.

Bernardo tinha 23 anos, negro e de classe popular. Embora já trabalhasse como professor de Biologia, ainda não havia concluído o bacharelado na ocasião da entrevista. Ele residia com sua mãe e seu padrasto em um apartamento na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Seus pais se separaram quando ele tinha três anos e sua mãe estava casada há 7/8 anos com o padrasto. Bernardo tem ainda dois irmãos mais novos, filhos de seu pai com outras parceiras. Ele contou que sente atração por pessoas do mesmo sexo desde criança; a partir dos 13 anos começa a ter experiências sexuais (beijos e carícias) com outros rapazes e aos 17 anos teve sua primeira relação sexual com penetração com alguém do mesmo sexo. Nessa mesma época ele contou para sua mãe, que ficou triste e o pressionou a procurar terapia com um psicólogo. Seu pai também reagiu negativamente. Bernardo diz que fez terapia durante dois anos para tentar desenvolver seu “lado heterossexual”, porque para ele, somente seria possível ter certeza de ser *gay* depois de fazer sexo com mulheres. No decorrer da terapia, ele continuou tendo experiências sexuais com homens, mas contava aos amigos que estava “saindo com mulheres”. Com 19 anos, Bernardo conta que começou a “se aceitar”. Neste período, ele largou a terapia e aos poucos foi “se assumindo” para seus amigos.

Danilo tinha 19 anos, negro, de classe popular e cursava Economia. No período de realização da entrevista era estagiário e utilizava seu salário para

complementar a renda de seu domicílio. Ele residia com sua mãe em um apartamento na região do Centro do Rio. Ele conta que seus pais nunca foram casados e que ele nunca foi muito próximo ao pai, que “só realizava suas funções jurídicas”, como pagar pensão. Danilo diz que sua atração por pessoas do mesmo sexo sempre existiu; segundo ele, a primeira vez que ele sentiu um desejo sexual foi por outro homem. Deste modo, ele relata que “nunca duvidou de sua homossexualidade”, assim como as outras pessoas do seu círculo, que nunca questionaram sua orientação sexual. Danilo conta que sua mãe sempre trabalhou muito e que ele ficou durante algum tempo em uma casa que funcionava como um tipo de creche, contexto no qual teve sua primeira experiência sexual: ele tinha oito anos e o parceiro, filho da mulher que cuidava das crianças, tinha 19/20 anos.

Hugo tinha 21 anos e era um estudante de Engenharia, branco, de classe média. Ele estudou em colégio católico na zona sul do Rio de Janeiro, o que implicou em formação religiosa, mas se considerava ateu/agnóstico. Ele nasceu em São Paulo e mudou-se para o Rio quando criança, tendo seu pai permanecido em São Paulo. Ele morava em um apartamento na zona sul do Rio com sua mãe e sua irmã mais nova. O entrevistado diz que não consegue identificar como foi o processo de formação de sua orientação sexual, apontando como única lembrança significativa o momento em que um amigo contou para ele que tinha “ficado” com outro rapaz. Na época ele tinha 17 anos e sentiu vontade de “imitar” o amigo. Ele conta que começou a se relacionar com homens e que aos poucos “chegou à conclusão de que era gay”. Sua primeira experiência sexual ocorreu aos 18 anos, com um parceiro ocasional.

Erick era um estudante de Ciências Sociais de classe popular. Ele tinha 22 anos e se considerava preto/negro. Ele morava sozinho em uma casa na zona norte do Rio de Janeiro, próximo a seus tios e primos. Contudo, ele dizia passar a maior parte do tempo na faculdade ou na casa do seu namorado, em um bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Sua mãe morava fora do Brasil desde que ele tinha 15 anos e ele não tinha muito contato com seu pai. Erick relatou que sente atração por pessoas do mesmo sexo desde criança e que não consegue identificar o momento de tomada de consciência da homossexualidade, dando destaque ao momento em que revelou sua orientação sexual: ele tinha 15/16 anos e tinha mudado de colégio. No novo colégio tinha muitos meninos gays, o que tornou “tudo mais fácil”. Um dia seu tio ouviu uma conversa, mas não falou nada, logo depois sua tia perguntou “quantos por cento”, sem especificar do que se tratava a pergunta, ao passo que Erick respondeu “80%”. Ele diz que depois disso nunca mais tocaram no assunto. Em seguida ele ligou para sua mãe, que protestou e disse que seria o fim da família dela, mas depois se desculpou.

Jean tinha 22 anos, branco, de classe média e estudava de Medicina. Ele residia em um apartamento na zona sul do Rio de Janeiro junto com seu irmão e outro rapaz. Seus pais moravam em uma cidade serrana do Estado do Rio de Janeiro desde 2008. Jean contou que seus primeiros desejos sexuais, aos 12/13 anos, foram direcionados para pessoas do mesmo sexo. Nessa época, ele achava que o que sentia era anormal. No período entre 14 e 17 anos, Jean teve experiências sexuais com o filho de um amigo de sua família. Ele relatou que durante este interim até o réveillon de 2010 ele mantinha relacionamentos com mulheres e se sentia “culpado” por seus desejos homossexuais. Ao assumir “algo mais sério” com um rapaz, em 2011, ele decidiu que deveria contar aos seus familiares. Primeiramente ele revelou para seu irmão, que a princípio não disse nada, por não saber como reagir, conforme relatado por Jean. Quando completou seis meses de namoro, Jean foi a casa de seus pais contar sobre seu relacionamento.

Batista cursava Ciência Política, tinha 21 anos, pardo, de classe média. Ele morava na zona oeste do Rio de Janeiro, com seus pais e sua irmã mais velha, mas durante a semana ficava no apartamento de uma tia na zona sul do Rio de Janeiro, por ser mais perto da faculdade. Seus pais eram professores e sua irmã estudante universitária. Ele relata que sempre sentiu desejos por pessoas do mesmo sexo e que aos 12 anos se interessava mais pelos homens ao procurar pornografia. Ele diz que passou anos se questionando até “aceitar quem realmente é”, por volta dos 16 anos, apesar de dizer que nunca estará tranquilo quanto a sua orientação sexual. Sua primeira experiência sexual ocorreu aos 18 anos com um parceiro que ele conheceu pela internet. No momento da entrevista, Batista relacionava-se com outro rapaz; no entanto, o relacionamento não era conhecido por todas as pessoas do seu círculo, tanto por vontade dele quanto do parceiro.

Maurício era um estudante de Filosofia de 22 anos, classe média, autodeclarado amarelo. Ele nasceu em São Paulo e sua família mudou-se para o Rio quando ele ainda era criança. Morava junto com seus pais em um apartamento na zona sul do Rio de Janeiro. Sua mãe era dona de casa, seu pai vendedor e seu irmão mais novo tinha 19 anos e estudava fora do Rio de Janeiro. Maurício contou que a relação com seus pais sempre foi conflituosa, pois sempre se baseou na cobrança, de modo que ele relatou ter sofrido agressões físicas durante a infância. Contou também que seu pai era “muito machista e autoritário”, enquanto sua mãe era “submissa às vontades do marido”. Maurício disse que prefere se relacionar com homens, mas é avesso à ideia de definir sua orientação sexual. Ele relatou que com 14/15 anos começou a prestar mais atenção aos garotos. Aos 16 anos ele teve sua primeira

experiência sexual com um parceiro de 17 que ele havia conhecido pela internet através de um amigo em comum. Ele descreveu que sua “aceitação plena” aconteceu aos 17 anos, quando começou a contar para seus amigos.

Configurando identidades: os processos dinâmicos de construção de uma identidade homossexual

A partir das narrativas dos entrevistados, verifica-se que os percursos que compõem as trajetórias de construção de identidades sexuais de rapazes homossexuais compreendem quatro processos distintos: *percepção*, *aceitação*, *prática* e *comunicação*. Em linhas gerais, chamo de *percepção* o processo que remete a uma espécie “tomada de consciência” dos desejos sexuais orientados para pessoas do mesmo sexo; a *aceitação* faz menção ao processo ao longo do qual o indivíduo atribui significados e compreende seus desejos em relação ao contexto heteronormativo que coloca a homossexualidade em uma posição de “sexualidade desviante”; a *prática* diz respeito à concretização dos desejos sexuais e as práticas sexuais homoeróticas; por fim, a *comunicação* é encarada como a emissão de informações acerca da orientação sexual.

Se partirmos de concepções sobre “trajetórias desviantes” propostas por autores como Becker (2008) e Goffman (1988), poderíamos pressupor que existem certos momentos sequenciais, de modo que o tipo ideal de itinerário de construção de identidade homossexuais poderia ser descrito linearmente da seguinte forma: *percepção*, *aceitação*, *prática* e *comunicação*. Contudo, as narrativas dos sujeitos revelam que este modelo ideal de encadeamento não se sustenta empiricamente, tendo em vista que os processos se superpõem e formam diferentes “combinações” nas histórias de vida de cada um. Além disso, é preciso salientar que estes processos não possuem fronteiras bem delimitadas entre eles e que, muitas vezes, acontecem simultaneamente, o que os dá um caráter essencialmente dinâmico.

Desta forma, incorpora-se aqui a noção de “percurso dissidente” proposta por Díaz-Benítez (2010) para dar conta da análise dos dados obtidos. A autora investigou as trajetórias de atores, diretores e outras pessoas envolvidas na produção de filmes pornográficos no Brasil inspirando-se – e também criticando – o conceito de *carreira desviante* de Becker (2008). Díaz-Benítez, diferentemente de Becker, explica que a dissidência é algo “*cuja gênese repousa na autoafirmação individual, na subjetividade e na interpretação do próprio self*” (DÍAZ-BENITÉZ, 2010, p. 203) e que nem

sempre necessita de uma acusação, como defendia o outro autor. Outra ideia contida na “dissidência” é que esta é móvel e não necessariamente implica a adoção de uma escala de valores desviante, contrária às normas, conforme sugerido por Becker. Deste modo, os sujeitos podem ser dissidentes em apenas alguns aspectos de suas vidas como, por exemplo, os atores e atrizes pornôns que constroem imagens de si mesmos como “pais e mães exemplares”. No outro polo do conceito, o termo “percurso” sugere uma ideia de movimento, de deslocamento. Nas palavras da autora:

Não se trata, aqui, de carreiras lineares em função da construção do comportamento desviante, mas de percursos móveis, circulatórios, movediços, que não seguem uma ordem específica, apresentando-se de forma diferenciada nas experiências pessoais, onde cada indivíduo é capaz de manipulá-los de maneira relativamente autônoma (DÍAZ-BENITÉZ, 2010, p. 204).

Diante do exposto, justifico a escolha pelo termo *processo* para tratar da construção de identidade homossexual dos rapazes entrevistados. Uma vez que estas categorias de *percepção*, *aceitação*, *prática* e *comunicação* são utilizadas para dar conta de um conjunto de experiências que são, geralmente, vivenciadas mais de uma vez e encaradas como um tipo de “quebra de expectativas” em relação ao “imperativo heterossexual” (BUTLER, 2003), acredito que faz sentido considerá-las como *processos* de formação de uma identidade.

A construção destes quatro processos se faz a partir de um diálogo com a produção de Weeks (2000) sobre os estágios de construção de uma “identidade sexual estigmatizada”. Segundo o autor, existem quatro estágios característicos da constituição da identidade sexual considerada desviante: 1) *sensibilização*: quando o indivíduo toma consciência de que seus desejos diferem da norma; 2) *significação*: quando há a atribuição de sentido às diferenças percebidas no estágio anterior; 3) *subculturação*: que é o momento de reconhecimento de si mesmo através do contato com os outros; 4) *estabilização*: que é o estágio de aceitação completa e de adoção de um estilo de vida característico da identidade.

A *sensibilização* se aproxima do que chamo de *percepção*; a *significação* possui um sentido distinto da *aceitação*, bem como a *subculturação* da *prática*; as ideias de *estabilização* e *comunicação* são radicalmente distintas, sendo esta *estabilidade* rejeitada nas hipóteses aqui levantadas. Weeks (2000) argumenta que não há uma progressão automática entre estes estágios. Ainda que o “avanço” por estes estágios não seja

automático, tal proposta ainda contém uma ideia subjacente de desenvolvimento linear e sequencial.

Para fins de organização e compreensão do texto, abordo os processos identificados nas trajetórias dos rapazes entrevistados a partir de uma dada ordem: percepção, aceitação, prática e comunicação. Contudo, as considerações necessárias sobre as superposições dos mesmos serão feitas ao longo do texto.

A Percepção do desejo

O termo percepção é empregado para referir-se a situação em que o sujeito elabora conscientemente o desejo sexual orientado para alguém do mesmo sexo. Em um primeiro momento, é comum pensar que a *percepção* de tal desejo é o passo inicial da construção de uma identidade homossexual. Entretanto, como me esforço para demonstrar ao longo deste trabalho, é preciso relativizar tal premissa, pois é possível que a *percepção* do desejo ocorra quando este já estiver sendo *praticado* ou até mesmo depois, como aparece em uma das narrativas. Por outro lado, não é incomum que rapazes que apresentem atributos, símbolos ou performances que são associados ao gênero feminino desde a infância sejam chamados por seus pares de “bicha” ou “viado” antes mesmo que eles sejam capazes de expressar seu interesse sexual, como é o caso de um dos entrevistados.

Chama atenção nos relatos dos sujeitos o papel da internet e da pornografia na conformação e percepção do desejo sexual. Com relação à pornografia, os informantes falam sobre um tipo de “direcionamento do olhar” para o corpo masculino nos filmes heterossexuais como uma das primeiras manifestações do interesse sexual por pessoas do mesmo sexo. Como exemplo, segue a narrativa de um deles:

Eu acho que é aquela coisa de quando você um filme pornô e acaba prestando mais atenção nele do que nela, aí você vê que tem alguma coisa errada. Ou sei lá, eu lembro de revista de nudez feminina que eu prestava mais atenção no anúncio com o ator famoso. (Renan)

Dos nove rapazes entrevistados, três deles tiveram sua primeira relação sexual com parceiros que haviam conhecido e/ou conversado previamente através de meios de comunicação na internet. O anonimato possibilitado pelo mundo virtual é citado como um aspecto positivo, pois permitiu que os indivíduos vivenciassem seus desejos sem que se sentissem

expostos. Em suma, no universo estudado, a internet exerce uma dupla função: ela pode ser utilizada tanto como fonte de material erótico, quanto para buscar parceiros sexuais e/ou outras pessoas que compartilham de experiências semelhantes, como demonstram os trechos a seguir:

Eu entrei num site da internet de bate-papo e aí eu marquei. Até então eu nunca tinha beijado uma garota, eu nunca tinha feito nada. Então eu fui marcar com um rapaz pra ver. [Eu pensava]: “bom, já que eu não tenho namorada, deve ser por que eu não gosto, por que eu não sou capaz de me relacionar com mulheres, então provavelmente eu serei capaz, por eliminação, de me relacionar com homens”. (Vinicius)

Tiveram outros fatores que começaram a aumentar um pouco minha rede. Teve aquela época do Orkut, MSN também. Eu não tiro a importância desses veículos que fazem a pessoa se esconder, mas de certa maneira elas se soltam por esses veículos. (Maurício)

É possível perceber também algumas conexões e desconexões entre *percepção* e *prática* nas primeiras experiências sexuais relatadas pelos sujeitos. Uma situação que ilustra a separação entre o perceber do desejo sexual e sua realização é narrada por Renan. Ele relata que suas primeiras interações sexuais com alguém do mesmo sexo datam dos seus 11/12 anos, mas, quando perguntado sobre como e quando ele passou a se perceber como homossexual, ele conta que “só se deu conta de ser gay” quando tinha 15/16 anos. De um modo geral, estas primeiras experiências sexuais foram descritas como “brincadeiras entre meninos” que acontecem antes mesmo que o sujeito tenha formado uma concepção sobre o desejo sexual, ou seja, antes que o interesse sexual pudesse ser descrito como “percebido”.

[Inf.]: Começou a cair a ficha de eu ser gay aos 16 anos, [...] mas antes disso, aos 13 anos, eu tive experiência com beijo, tive experiência com certas carícias. Não cheguei a penetração enfim não, mas brincadeiras vamos dizer “meio sensuais”. Mas eu fui me sentir gay aos 16 [anos] mesmo. (Bernardo)

[Inf.]: É, primeiros desejos. Já sabia, obviamente. Saber, saber, não; mas já acontecia. Hoje eu reconheço que é uma coisa que já existia. Mas na época, acontecia e eu pensava “não, que coisa esquisita, isso tá errado, é uma compulsão sexual”. Achava umas coisas bizarras assim mesmo. Achava que, sei lá, que era fase. (Jean)

A Aceitação do desejo

As análises empreendidas acerca do processo de *aceitação* do desejo sexual que é considerado desviante por vários setores da sociedade diz respeito aos modos pelos quais os sujeitos constroem subjetividades e atribuem sentidos às suas experiências. Deste modo, parte-se do princípio de que o processo de *aceitação* do desejo homossexual faz referência à negociação que o indivíduo faz consigo mesmo e com os outros em relação à sua própria sexualidade. Dos nove entrevistados, seis deles comentaram que a *aceitação* do desejo sexual por pessoas do mesmo sexo e a consequente formulação de uma identidade homossexual foi um processo mais ou menos dramático.

O processo de aceitação de uma identidade sexual heterodiscordante é perpassado por uma “tensão”, que tem como contraponto a ideia de “alívio”. A tensão está conectada ao quanto o processo é problematizado pelo indivíduo e é oriunda de pressuposições e suspeitas sobre possíveis reações negativas por parte dos familiares, amigos, colegas de trabalho, de faculdade, entre outros. De acordo com alguns dos informantes, “revelar-se homossexual” – que obviamente articula os processos de *percepção*, *aceitação* e *comunicação* – pode trazer uma série de “perdas”, em diversos aspectos de suas vidas como, por exemplo, rejeição no âmbito familiar, prejuízos profissionais etc. Assim, nota-se no discurso do universo da pesquisa a existência de uma espécie de *economia emocional do armário*⁶ que se constitui por meio dos nos cálculos de perdas e ganhos que a adoção pública de uma identidade homossexual pode acarretar. Grande parte das narrativas feitas pelos entrevistados falam sobre uma série de dificuldades de estabelecer uma identidade homossexual em um contexto heteronormativo:

Eu acho que hoje eu não tenho problema com a minha sexualidade, eu tenho problema com o problema que os outros têm com a minha sexualidade. [...] Mas é porque a gente tem muita negação, não se aceita. O aceitar-se mesmo já é um processo, pra entender o que é, aceitar. (Renan)

Não sei, não é o tipo de coisa que eu falo pra todo mundo. Para os meus pais eu nunca contei porque nunca precisou, sempre foi muito cômoda a relação, então dá um pouco de medo de contar.

Pesquisador: Mas você tem medo de que?

⁶ A “economia emocional do armário” foi um dos principais pontos discutidos em minha monografia. Entretanto, não há espaço neste artigo para abordá-la mais detidamente. Para mais informações, consultar Freire (2013).

Não sei, de mudar um pouco a relação que eu tenho com eles. A aceitação eu sei que vai acontecer, mas não sei se vai mudar, se eu vou deixar de ser o filhinho amado. (Hugo)

Me aceitar... foi bem recentemente. Até metade do ano passado, até junho de 2011 mais ou menos, que eu comecei a me aceitar. Falar com outros colegas e eles me zoarem “qual é viado” e eu não sentir vontade de querer dar um soco na cara deles. Por que antes eu sentia, eu não me aceitava. (Vinicius)

Eu perdi minha virgindade com homem aos 17 anos, mas mesmo assim, eu não me aceitei gay não. Eu achava que era fase, achava que eu nunca tinha ficado com mulher então eu podia estar enganado ou, não sei, não me encaixa mesmo. Então eu tive a necessidade de ficar com mulher, de qualquer jeito. (Bernardo)

A partir deste ponto, meu argumento de que a construção de uma identidade homossexual se dá através de processos dinâmicos e não lineares fica mais claro. Como fica explícito no último trecho de entrevista transcrito, as práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo, por vezes, antecedem a elaboração e *aceitação* da orientação sexual. Neste sentido, não raro, o processo de aceitação é descrito por meio de uma série de situações “dramáticos”⁷.

Se, por um lado, a “tensão” é um elemento central quando os sujeitos começam a se perceber enquanto homossexuais; por outro, o alívio surge quando a sexualidade deixa de ser uma questão conflituosa, seja em relação aos outros atores sociais com quem se convive ou consigo mesmo. As ideias de “tensão” e “alívio” são, em certa medida, inspiradas nas proposições de Goffman (2011) a respeito das noções de “alvorço” e “conforto” que podem perpassar algumas interações. De acordo com o autor, conforto e alvorço são sentimentos contrapostos que podem estar presentes em interações marcadas por constrangimentos de variadas ordens. Quanto mais alvorçado um indivíduo se encontra em uma situação, menos confortável ele estará, e vice-versa. O que considero importante de reter sobre as ideias discutidas por Goffman é que as situações de *conforto* operam a partir de um tipo de naturalização dos comportamentos e hábitos, não implicando uma reflexão, o que faz com que elas “passem despercebidas”.

⁷ Os processos de aceitação “dramáticos” são aqueles vivenciados com uma relativa carga de tensão emocional. Tais processos são sinuosos e contam com momentos de maior e menor conformação com uma identidade homossexual. Como exemplo, temos a trajetória de Bernardo: após contar para sua mãe sobre sua orientação sexual foi coagido a submeter-se a “tratamento psicológico”. Ele diz que durante o “tratamento” ele oscilava entre acreditar que era “gay de verdade” e que “podia mudar a orientação”. Após algum tempo ele interrompeu o acompanhamento psicológico e decidiu assumir uma identidade homossexual.

Se o alvoroço é o oposto do conforto, é possível pensar no que estou chamando de “tensão” como um tipo de alvoroço. Entretanto, há uma distinção fundamental entre as duas ideias. Enquanto o alvoroço representa uma ruptura em uma situação que era ou deveria ser anteriormente confortável, o “alívio” discutido neste texto só pode ocorrer após a passagem pela “tensão”. Em outras palavras, o “alívio” não pode ser compreendido como um sentimento dado a priori nas interações sociais, tal como Goffman concebe a noção de conforto.

Tensão e alívio são sentimentos que só podem existir na medida em que o imperativo heterossexual (BUTLER, 2003) ou o heterossexismo (BORRILLO, 2010; WELZER-LANGE, 2001) conformam um cenário social e cultural no qual a heterossexualidade é compreendida como a “sexualidade natural”, sendo abertamente privilegiada e percebida enquanto uma expectativa comum. Assim, podemos encarar a *aceitação* de uma identidade homossexual como um processo que possui uma dimensão afetiva acentuada.

Sobre este ponto, a pesquisa empreendida por Leandro de Oliveira (2013) traz uma importante contribuição. Ao investigar “os sentidos da aceitação” da orientação sexual por parte de membros da família de origem, ele assinala que uma “dinâmica dos afetos” se faz presente nas relações de gays e lésbicas com seus familiares e, a partir da ideia de *dramas sociais* desenvolvida por Victor Turner, analisa as cenas de revelação da homossexualidade nos contextos familiares. De acordo com o conjunto de entrevistas feitas pelo autor, as relações entre pessoas LGBT e suas famílias são marcadas por uma série de conflitos e “choques emocionais”.

Para finalizar esta seção, há de se contemplar aqueles que não identificam claramente um processo de *aceitação* em suas trajetórias, o que reforça a relativização inicial destes processos. Dos três entrevistados que não problematizam o processo de aceitação, dois deles dizem que “sempre foram gays” (Danilo e Erick); enquanto o terceiro diz que viveu um processo “natural” de conscientização da orientação sexual (Hugo), borrando as fronteiras entre a *percepção* e a *aceitação*, como é possível ver no relato abaixo:

Não sei. Eu não lembro exatamente o momento que eu descobri, eu lembro mais do momento que eu revelei. Quando descobri, não. [...]

Pesquisador: Você se lembra quando foi mais ou menos a primeira vez que você sentiu atração por alguém do mesmo sexo?

Ah, criança. Sei lá quando. Acho que a primeira vez que eu senti atração, já era por uma pessoa do mesmo sexo. (Erick)

A Prática do desejo

Antes de mais nada, é preciso deixar claro que aquilo que está colocado sob o signo da *prática* neste texto diz respeito às experiências sexuais que envolvem a interação com um ou mais parceiros. Contudo, devido ao roteiro original de entrevista, os dados discutidos a este respeito são, em sua grande maioria, referentes às primeiras experiências sexuais vivenciadas pelos informantes.

Para reiterar o argumento que venho expondo ao longo do texto e reforçar o caráter de construção social das identidades sexuais, ressalto que a *prática* nem sempre é um elemento fundamental para a constituição de uma identidade homossexual. Entre os entrevistados que dizem que “sempre foram gays”, a construção de tal identidade não dependeu necessariamente de um intercuro sexual com alguém do mesmo sexo, mas apenas da *percepção* e elaboração sobre o desejo sexual. Este aspecto fica claro quando observamos o seguinte trecho:

Eu lembro que desde pequeno. Uma vez eu cheguei pra minha mãe e falei totalmente inocente: “mãe, eu queria tanto ser mulher” [...]. Eu sempre soube que eu era gay e sempre achei os homens muito mais bonitos que as mulheres, corporalmente. Também comentava isso de forma inocente para os amigos da minha mãe, com meus vizinhos. Então acho que nunca teve dúvida para ninguém que eu era gay. Na verdade, na família, meus amigos de infância, nunca teve essa dúvida. Sempre me identifiquei mais com o corpo masculino que com o corpo feminino. (Danilo)

Se mesmo com a ausência de experiências sexuais com pessoas do mesmo sexo é possível afirmar uma identidade homossexual, o contrário também é verdadeiro. Como demonstrado anteriormente, há entre os entrevistados sujeitos que mantinham relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, mas que não reivindicavam uma identidade homossexual.

Estas ideias sobre prática sexual e conformação de formas de identificação remetem às clássicas proposições sobre identidades homossexuais feitas por Peter Fry (1982). Em sua pesquisa sobre a relação entre homossexualidade e religiões afro-brasileiras em Belém, Fry concluiu que o conceito de “homossexualidade” e a categoria “homossexual” não davam conta das representações sobre a sexualidade masculina vigentes naquela localidade. Segundo ele, “*o personagem social chamado de 'bicha' em Belém*

nada tem em comum com um outro personagem social chamado 'homossexual' ou 'entendido' ou gay em áreas das classes médias das grandes metrópoles brasileiras" (p. 88). Deste modo, a construção de identidades sexuais masculinas no Brasil não só apresenta variações históricas e locais, mas também está relacionada a uma série de outros marcadores sociais da diferença, tais como classe, idade, raça etc.

O autor propõe que existem quatro elementos que compõem as identidades afetivo-sexuais: 1) sexo fisiológico (macho ou fêmea); 2) papel de gênero (masculino ou feminino); 3) comportamento sexual (atividade ou passividade); 4) orientação sexual (heterossexualidade, homossexualidade ou bissexualidade). Estes quatro elementos se combinam de diferentes maneiras e formam assim sistemas culturais distintos que dão sentido às identidades sexuais. Neste sentido, os "machos" (ou aqueles que nasceram com pênis) da periferia de Belém são divididos em duas categorias: "homens" e "bichas". Os "homens" são machos, masculinos, ativos e hetero- ou homossexuais; já as "bichas" são machos, femininos, passivos e homossexuais. A comparação destas distintas identidades revela que a diferença fundamental se encontra no "papel de gênero"⁸ assumido e nos comportamentos sexuais adotados, sendo a orientação sexual irrelevante.

Em contraposição a esses dois modelos de identidade sexual, Fry aponta a categoria do "entendido", surgida no Brasil por volta de 1960 entre as classes médias do Rio de Janeiro e São Paulo. Neste modelo, os elementos da identidade sexual se conjugam da seguinte forma: machos, masculinos ou femininos, ativos ou passivos, e homossexuais. É possível notar então que o elemento diferenciador se desloca do gênero e do comportamento sexual para a orientação sexual.

É importante frisar que estes modelos não são excludentes e, como mencionado pelo autor, correspondem a sistemas culturais distintos que operam entre diferentes grupos da sociedade. No atual contexto urbano, podemos verificar a superposição de distintos sistemas de valores e significados que são utilizados para dar sentido às experiências vivenciadas pelo sujeito.

⁸ É importante ressaltar que entre pesquisadores das temáticas de gênero e sexualidade, a ideia de "papel de gênero" foi revista e reformulada por diversos autores nos últimos anos. Uma das referências mais comuns sobre o assunto na contemporaneidade é Judith Butler (2003). Outra leitura dos dados obtidos poderia ser feita a partir de um diálogo com a obra da autora sobre a "performatividade de gênero". Contudo, optei por manter boa parte das referências bibliográficas originais do trabalho não só porque estas me foram fundamentais para o desenvolvimento das ideias aqui expostas, mas também para demonstrar aquilo a que obtive acesso enquanto um aluno de graduação.

Entretanto, não seria inteiramente legítimo comparar os dados de Fry com os achados nesta pesquisa. O contexto das “bichas” e dos “homens” da periferia de Belém não é o mesmo dos “gays” e “homossexuais” universitários da cidade do Rio de Janeiro. Para os primeiros, ter relações sexuais com outros homens não é sinônimo de homossexualidade, a não ser que este tenha um comportamento sexual passivo (aquele que é penetrado); já para os outros, ter experiências sexuais com outros rapazes, independentemente do comportamento sexual, e não se identificar como homossexual é descrito como uma negação da “verdadeira” orientação sexual. Isto deixa ainda mais clara a conexão entre a *aceitação* e a *prática* na construção da identidade homossexual no universo pesquisado. Na narrativa abaixo, pode-se verificar a articulação entre estes dois elementos:

“Se eu não sou o homem de uma mulher, será que eu sou a mulher de outro homem?” Foi essa confusão que ficou na minha cabeça. Eu fui tentar descobrir isso da pior maneira: site virtual. Eu marquei um encontro com um rapaz, eu fui até o prédio dele, apartamento. Ele tinha acho que 19 anos, na época eu tinha 14-15 anos, depois do ensino fundamental. Aí eu fui, falei com ele, a gente ficou horas falando uma hora e meia eu acho, antes de efetivamente eu beijar ele e etc., tudo mais. Não aconteceu penetração, aconteceu o beijo. E aconteceu também o sexo oral, que eu achei muito nojento. Depois eu cheguei em casa me questionando: “Eu fiquei com outro rapaz, mas eu não gostei, então eu não sou gay. Mas calma aí, se eu não gosto de outro rapaz e eu não gosto de outra mulher, se eu não consigo me relacionar com uma mulher, então o que eu sou?”. Mas depois eu percebi que eu não gostava muito de ser o tão chamado passivo nas relações gays. (Vinicius)

A Comunicação do desejo

O vocábulo “comunicação” pode não dar conta de todas as possíveis situações que atravessam os percursos dos indivíduos, no entanto, a preferência por este termo, em detrimento à “assunção” ou “revelação”, se deve a duas razões: por um lado, a expressão “assumir-se homossexual” possui uma conotação declaradamente política de afirmação de uma identidade sexual no âmbito público, o que não é reivindicado por alguns dos rapazes entrevistados; por outro, é preciso ter em mente que nem sempre o sujeito “revela” – ou mesmo está preocupado com tal questão – sua sexualidade deliberadamente. Situações de comunicação não deliberada da orientação sexual podem ocorrer

quando o indivíduo é visto exercendo sua sexualidade por alguém de sua rede, ou quando este age de um modo que é interpretado por terceiros como um indicativo de homossexualidade. Cabe ainda pontuar que os atos descritos pelos sujeitos como indicadores da homossexualidade dizem respeito muito mais a uma performatividade de gênero⁹ do que ao interesse sexual por alguém do mesmo sexo.

Deste modo, *comunicar* a orientação sexual é, de certa forma, empregado aqui como sinônimo de visibilizar a homossexualidade em espaços públicos. As formas de *comunicação* da homossexualidade descritas pelos entrevistados são variadas e os “grupos” para os quais se comunica a identidade sexual são estratificados.

Em uma pesquisa quantitativa realizada com os participantes da *Parada do Orgulho LGBT* de Copacabana, no Rio de Janeiro, Carrara, Ramos e Caetano (2003) constataram que existe “círculos de maior ou menor intimidade ou visibilidade” no que diz respeito à revelação da homossexualidade. Os resultados revelam que dentre os respondentes do *survey*, a sexualidade figura como uma questão política, de forma que os sujeitos estão dispostos a assumir sua homossexualidade em determinadas esferas sociais de suas vidas. Apenas 7,7% dos entrevistados afirmaram estar completamente “no armário”. Ao observar os dados sobre visibilidade por faixa etária, verifica-se que os jovens de 14-18 e 19-21 já se assumiram para esses grupos, respectivamente: 51,3% e 69% para os familiares; 25,6% e 45,1% para os colegas de trabalho; 33,3% e 42,3% na escola; 76,9% e 80,3% para os amigos; e 15,4% e 4,2% ainda não haviam se assumido.

Com base nos dados produzidos pelas entrevistas e na apropriação dos “círculos de maior ou menor intimidade e visibilidade” elencados pelos autores supracitados, dividi as pessoas com quem os rapazes entrevistados interagiam cotidianamente em cinco grupos: familiares, amigos, colegas de faculdade, colegas de trabalho e desconhecidos. Somente Erick afirmou “ser assumido” para todos os grupos de pessoas conhecidas; já Danilo diz que ainda não havia revelado sua orientação sexual no ambiente profissional em que estava inserido por ter sido recentemente contratado, mas que em seu estágio anterior todos sabiam sobre sua sexualidade, assim como seus amigos, colegas de faculdade e familiares mais próximos.

⁹ Uma das principais formas de *comunicação* da homossexualidade relatadas pelos sujeitos entrevistados pode ser sintetizada na expressão “dar pinta”. Em um âmbito mais geral, esta expressão é utilizada para descrever contextos nos quais alguém pretende realçar um dado aspecto de sua personalidade como, por exemplo, se diz que um sujeito está “dando pinta de bom pai”. Entre homens homossexuais, a expressão “dar pinta” geralmente significa uma forma de visibilizar publicamente a homossexualidade através de uma performatividade de gênero feminina.

Seis dos rapazes entrevistados residiam com pelo menos um dos seus pais na época da entrevista e, mesmo aqueles que residiam com outras pessoas (Renan, Erick e Jean), afirmaram que ainda dependiam financeiramente de seus familiares. Assim, a família apareceu como o grupo mais “problemático” diante do qual adotar uma identidade homossexual. A título de exemplo, dos nove sujeitos entrevistados, cinco afirmaram que nunca falaram abertamente com seus pais sobre sua orientação sexual e que procuravam evitar que isto pudesse ser um assunto a ser conversado.

Em segundo lugar aparecem os colegas de trabalho/estágio como um grupo com o qual não se fala sobre sexualidade. Nota-se que nem todos os rapazes estavam inseridos no mercado de trabalho no momento da entrevista, mas alguns deles disseram que a orientação sexual não seria um assunto mencionado neste tipo de ambiente. Dois entrevistados citam também o círculo de colegas de faculdade como pessoas para as quais não revelam sua orientação sexual.

Esta estratificação em grupos de “maior ou menor visibilidade ou intimidade” dialoga com o conceito de Goffman (1975, 2011) de “segregação de plateia”. De acordo com o autor, um indivíduo pode representar diversos papéis no seu cotidiano; muitas vezes esses papéis são contraditórios e não podem ser acionados ao mesmo tempo. Deste modo, o sujeito precisa separar os grupos para garantir que interpretará o papel adequado para cada um deles e assim assegurar a continuidade e manutenção destes papéis (GOFFMAN, 1975, p. 52). Neste sentido, afirmo que ao selecionarem os indivíduos e ambientes nos quais e para os quais se fala sobre a orientação sexual, estes rapazes operam uma espécie de “segregação de plateia”.

A partir dos relatos de alguns informantes, infere-se que uma das consequências desta segregação de plateia é um tipo de “desagregação da identidade”. Isto foi descrito como um problema para alguns dos sujeitos entrevistados, pois gera situações de tensão. Algumas sujeitos apresentam narrativas acerca da uma suposta vivência de uma dupla identidade: uma heterossexual, quase sempre presumida; e outra homossexual, *comunicada*. Estas identidades são adjetivadas por alguns dos rapazes como “falsa”, no caso da primeira, e “verdadeira”, no caso da última. Contudo, acredito que é mais rentável analiticamente pensar estas identidades não em termos de falsidade ou veracidade – até mesmo porque, como venho tentando discutir ao longo do texto, as identidades são tomadas não como fixas e acabas, mas sim como algo que é essencialmente processual e dinâmico –, mas sim como

posicionamentos estratégicos dentro de um cálculo de perdas e ganhos que a comunicação da homossexualidade pode acarretar em determinados cenários e contextos. Um relato exemplifica esta questão:

Eu acho que eu vivo duas identidades [...]. Eu sou uma pessoa diferente em cada local. Com meu namorado eu posso ser carinhoso ao máximo, com meus pais também, só que nunca falando aquelas coisas, por exemplo, falando algumas gírias de bicha. “Eu sou rica”, eu não posso falar isso na frente deles. (Vinicius)

A partir do trecho exposto acima, podemos pensar que a *segregação de plateia* implica não só uma estratificação de grupos e pessoas, mas também uma segregação de espaços por onde estes grupos circulam e que, portanto, acarretam na possibilidade de demonstração ou ocultação da homossexualidade. Da mesma forma que a orientação sexual não é revelada para todos os grupos de pessoas com que se costuma interagir cotidianamente, a expressão da homossexualidade também obedece a uma lógica de distinção de “locais apropriados” para a vivência de uma sexualidade tida como desviante, ou, para utilizar uma expressão ouvida durante uma das entrevistas e que deu título à minha monografia, de “lugares de respeito”¹⁰.

Entre os entrevistados, há um consenso de que a demonstração pública da homossexualidade é vista como problemática por indivíduos de “grupos externos”, principalmente entre aqueles que compartilham de valores morais que condenam a homossexualidade como um tipo de desvio. De um modo geral, todos os entrevistados disseram que as pessoas não reagem bem quando defrontadas com sujeitos que vivem a homossexualidade publicamente. As reações mencionadas são sempre emocionais e variam entre o “choque”, o “nojo” e a “raiva”. Podemos pensar estas reações emocionais como parte do trabalho da “micropolítica das emoções” (REZENDE; COELHO, 2010) de reiterar e reforçar as relações de poder, as configurações hierárquicas e o conjunto de valores morais dos quais as emoções emergem (p. 78).

Para alguns, o incômodo gerado pela homossexualidade nos espaços públicos pode ser explicado como uma “quebra de expectativa” – ou uma

¹⁰ Em minha monografia, busquei demonstrar como a ideia de “respeito” era acionada de três formas distintas pelos rapazes entrevistados: o “respeito aos outros”, o “respeito dos outros” e o “se dar ao respeito”. A partir disto, os “lugares de respeito” poderiam ser divididos em dois tipos antagônicos: os espaços onde vigora uma espécie de “moralidade tradicional” e que, portanto, a homossexualidade não dever ser demonstrada; e os locais onde a expressão pública da orientação sexual “é respeitada”. Para uma discussão mais detida sobre os sentidos do “respeito”, consultar Freire (2013).

“violação das normais sociais” – no que diz respeito ao que é estabelecido como a performatividade de gênero que sustenta uma ordem heteronormativa que organiza não só os corpos mas também os desejos, na qual somente as equações homem-pênis-masculino e mulher-vagina-feminino produzem seres humanos inteligíveis (BUTLER, 2003).

A ideia de “quebra de expectativas” aparece em alguns relatos dos entrevistados:

Mal, péssimo, óbvio [falando sobre as reações das pessoas à manifestação da homossexualidade em público]. Mas isso é normal cara, pensa bem... Normal não, é compreensível. Você não está acostumado a ver um tipo de cena, tipo ver dois caras se beijando. Até eu faço tipo “caraca” [o informante faz uma expressão de surpresa]. Assusta você não espera. É tipo expectativas de possibilidades de coisas que aconteçam como eu estar andando no chão e do nada eu começo a andar pela parede. Você vai ficar assustado. É uma coisa que você não espera, quebra da expectativa entendeu? É por isso, mesmo que a pessoa não tenha preconceitos, vai assustar. (Batista)

Se for uma lésbica ou um gay que esteja invertendo muito o padrão que o senso comum está acostumado a ver: mulher feminina, de roupa feminina, delicada, frágil; homem másculo, marrento, fortinho. Se não for esse padrão, elas [as pessoas] vão ter um choque. O choque vai ser maior se for muito extravagante [...]. No momento em que a mulher é vista como mais masculina e homem é visto como mais feminino isso causa um grande choque nas pessoas. (Vinicius)

Eu acho que depende muito do lugar. Se for um lugar mais careta, mais tradicional a reação vai ser, talvez, de um pouco de choque, porque não está acostumado a ver. As pessoas não se incomodam, algumas não se incomodam com a homossexualidade em si, desde que seja aquela coisa entre quatro paredes e tal. Aí elas ficam um pouco assustadas quando veem outras pessoas que lidam bem com a sexualidade [...]. A sociedade espera que o homossexual é aquele que se priva, que ele se esconda, sei lá. Que ele só ande, que só frequente lugar es tipicamente simpatizantes. (Renan)

Considerações Finais

Para concluir a argumentação que desenvolvi ao longo deste artigo sobre o caráter processual e dinâmico da constituição de uma identidade homossexual, gostaria de fazer um breve comentário sobre a ideia de *estabilização* proposta por Weeks (2000) acerca dos estágios de construção de uma “identidade sexual estigmatizada”. Ao contrário do que o autor sugere, afirmo que a estabilização não pode ser o ponto final da trajetória de construção da identidade homossexual porque este ponto final não existe.

A heteronormatividade que cerca as vivências da sexualidade nas chamadas “sociedades ocidentais” faz com que a heterossexualidade seja encarada como a “expressão sexual normal”, naturalizando e gerando uma presunção da heterossexualidade de todos os sujeitos que é amplamente difundida no senso comum. Por conta disso, conforme demonstrado por Sedgwick (2007), para os indivíduos não heterossexuais, cada encontro com uma pessoa desconhecida implica um “novo armário”¹¹, pois novos cálculos, negociações e avaliações se fazem necessários. Além disso, existe um novo armário porque uma nova “revelação” – ou *comunicação* – da orientação sexual precisa ser feita.

É a partir destas colocações que afirmo que o processo de *comunicação* pode ser definido como algo constante e que não se encerra em um determinado momento. Ou seja, é impossível pensar na *comunicação* da homossexualidade como um ponto final que representa a estabilização da identidade sexual, como sugeriu Weeks (2000).

Por fim, trago a fala de um dos entrevistados que condensa este aspecto de continuidade da *comunicação* da homossexualidade:

Aí eu fui escolhendo as pessoas e contando. Depois fui contando para mais pessoas. [...] Mas cada vez que eu ia contar era como se eu tivesse vivendo tudo de novo. Era essa mesma história que eu estou contando pra você: por que, como eu cheguei, assim, assado. (Maurício)

¹¹ “Sair do armário” é uma metáfora amplamente utilizada para descrever as situações nas quais as pessoas homo ou bissexuais revelam publicamente sua orientação sexual.

Referências Bibliográficas

- BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.
- CARRARA, Sérgio; RAMOS, Sílvia; CAETANO, Márcio (coords.). *Política, direitos. Violência e homossexualidade: 8ª Parada do Orgulho GLBT – Rio 2003*. Rio de Janeiro: Pallas. 2003.
- DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. *Nas Redes do Sexo: os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar. 2010.
- FREIRE, Lucas. *Isto Aqui é um Lugar de Respeito: homofobia, emoções e regulação dos espaços públicos*. Monografia. Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. 63 p.
- FRY, Peter. “Da hierarquia a igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”. In: FRY, Peter. *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982. p. 87-115.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes. 1975.
- _____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1988.
- _____. *Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes. 2011.
- OLIVEIRA, Leandro de. *Os Sentidos da Aceitação: família e orientação sexual no Brasil contemporâneo*. Tese. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. 251 p.
- REZENDE, Claudia; COELHO, Maria Claudia. 2010. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: FGV. 2010.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. “A Epistemologia do Armário”. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 28, 2007, p. 19-54.
- WEEKS, Jeffrey. “O Corpo e a Sexualidade”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-82.
- WELZER-LANG, Daniel. “A Construção do Masculino: dominação das mulheres e homofobia”. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 9, n.2, 2001, p. 460-482.

